

Poemas de Cabelo Seco

Dan Baron 2013-18

baseados em conversas nas esquinas...

saber

crio uma pipa
e vejo teu cuidado, mãe
em minhas mãos
cortando e costurando minhas roupas
amarro as tiras da rabada
e vejo tua sabedoria, pai
na dança de teus dedos
tecendo redes
na sombra da pracinha

empino meus sonhos
sua corda vibrando
com tanta história e desejo
e mesmo calado
reprovado e condenado
leio o futuro nos ventos
e escrevo
a ética dos rios
no vermelho céu sedento
para desmentir
os valores dos gigantes
e segurar
minha vida em minha casa

Carta de Mariana

Irmã, mesmo sentindo que era mentira
deixei promessas verdes
me seduzirem para me tornar gente
e matar numa vez meu medo da fome.
Ganhei uma casa e fiquei tão consumida
pelos sonhos na palma de minha mão
que parcelei o futuro, sem perceber...

Amiga, lê os resíduos de meu engano
debochando no meu grito seco.
Aprende comigo, minha parente
o custo tóxico
de falar *sim* quando pensa *não*.
Nem se esconda atrás da lei do silêncio
que hoje abriga tantos gigantes...

Marabá, quando seus navios passarem
gordos de tanto ferro, boi e madeira
tua chance já terá passado!
Terás somente o tempo
para bater uma última selfie
diante um rabeta correndo
à nascente do Tocantins em chamas!

Comadre, preserve os Pedrais do Lourenção
seres sábios que vão te proteger
dos navios da morte
e guiar as chuvas da madrugada.
Se juntos declararmos *aqui não, Vale!*
vamos nos livrar desta lama suja
e cuidar de nosso bem viver amazônico!

segurança

mesmo que não tem mais peixe
vou segurar a canoa de meu vô
seus bancos de taúba
guardam a curva de meu aprendizado
no seu colo de como ler os rios
e o cheiro do tucunaré
secando no varal do quintal
da mãe gargalhando ao descobrir
meu primeiro amor de verão

aquele mundo
de minha esperança
que o assassinato das nascentes
em nome de progresso verde
vai abrir teus olhos castanhos
te encorajar pegar a rabeta
e atravessar o tocantins de novo
comigo, no pôr do sol
para defender nossa amazônia



Bem Viver

Toda madrugada, redes saíam de tua agulha
uma precisa caneta branca
tecendo sabedoria viva em uma teia de cuidado.
Mesmo bem feitas, pescada sempre escapava
transformando nossos barcos em festas fluviais.

E de repente, o sol esquecia de nascer, juro!
Na escuridão, respiramos tantas cinzas
Marabá adoeceu, ficou cega, perdeu sua voz
e nossas canoas voltaram famintas.
Baixou a poeira, mas nunca mais ficou igual.

Hoje no shopping, vejo a canoa extinta de meu pai
embelezando a propaganda 'Marabá, o futuro'.
Nosso Rio Tocantins, parcelado em mandatos
virou agrado por um sonho inoxidável.
Sinto-me traído, abalado pela gritaria popular!

Procuro qualquer memória que possa iluminar
este apagão que ameaça o futuro do mundo.
Já perdi anos deslizando post após post
para me aliviar da fome que me vicia
ao consumo de minha própria imaginação!

Ando tenso, impaciente, envergonhado, confuso.
Me retrata, moço, bem aqui, na frente de meu rio
uma senhora pede, folhinhas de cidreira na mão.
Minha neta quer me ligar como o povo Maori
que cicatriza seus rios, noutro lado do mundo!

A ternura da mestra me liberta de minha solidão
e de repente tambores reencontrados com amor
por jovens já criando uma rede de bem viver
começam uma batucada tão sincronizada
meu pulso acelera e minha humanidade flui!